

## Para lá do muro dos sonhos<sup>1</sup>

Luigi Giussani

O coração da experiência do nosso movimento não se vê; não é *uma* pessoa e, no entanto, identifica-se com uma pessoa, e vive *em* cada pessoa na medida em que esta adere ao mistério de Cristo, abre os olhos e escancara o coração.

Existe uma coisa que com o tempo, em vez de envelhecer se torna cada vez mais jovem: o coração. O coração de um jovem é muito mais lento e paciente do que o de um ancião, Porque o coração de um ancião já viu a vida, viu muitos jovens atravessar o umbral dos vinte anos, uns de um modo diferente de outros. Tudo mudava neles, mas uma coisa permanecia inalterável – Eu diria, quase blasfemando, que gangrenava – e esta coisa era o seu coração. O coração é o que é e não se pode mudar. Podemos inclusivamente chegar a matar-nos, mas sob o impulso do coração. O coração é aquilo de que está feito o homem.

A primeira vez que me veio à ideia «fazer alguma coisa» (não tinha, certamente, em mente o movimento) foi justamente fazendo o mesmo trajecto que hoje fiz. Ia de comboio de Milão a Rimini, e nele encontrei uns rapazes. Pus-me a conversar com eles e verifiquei que desconheciam totalmente a religião e o cristianismo. O seu cepticismo, a sua atitude chocarreira, a sua incredulidade, não davam raiva; davam pena, porque nasciam evidentemente da ignorância. Foi este contacto que fez nascer em mim a «raiva» de que conhecessem, de que soubessem mais, de que fossem mais os que pudessem conhecer o que a mim me tinha sido dado.

O começo de tudo o que veio depois a nascer – jamais podia imaginar há 35 anos que hoje fosse possível estarmos reunidos em tão grande número – partiu do meu desejo de que as pessoas compreendessem. Compreendessem o quê? O que eu penso? O que o diz o meu partido? Não! Que as pessoas entendam aquilo para que está feito o seu coração; que as pessoas entendam um pouco melhor o Destino para que foram criadas; que se apercebam um pouco mais de que a vida é uma tarefa. A tarefa é aquilo que anima a vida, o que fermenta a vida; é o oposto da sensação de peso que esta ideia produz em ti quando estás na aula. Em síntese, tudo começou com o desejo que me animava de comunicar a outros, mais jovens do que eu, a razão da minha alegria de viver, que não era certamente a de que tudo corresse bem e sem problemas.

Lembro-me, como se fosse hoje, do momento em que entrei pela primeira vez no liceu Berchet, em Milão. Havia quatro degraus do passeio da rua até à entrada. Enquanto os subia, dizia para comigo: «Por que venho aqui? Que venho aqui fazer? Dizer a estes rapazes aquilo que eu próprio escutei e compreendi; por que, sem entender o que a mim me foi dado entender e sem ouvir o que ouvi, não consigo perceber como é que se consegue viver».

Em cada coisa reside uma beleza tal que invade o mundo inteiro e que tem como ponto fulcral o nosso coração. O nosso coração vive para aquela beleza que está dentro das coisas, dentro da realidade. Aquela beleza que a Bíblia, utilizando um termo ainda mais forte, mais dramático, chama de promessa.

Recordo um dos momentos talvez mais impressionantes da minha infância: uma madrugada, acompanhava eu, como de costume, a minha mãe à missa das cinco e meia da manhã, manhã de primavera, ainda fria mas limpidíssima. O céu estava sereno. Uma única estrela brilhava no céu: a estrela da manhã, a última a desaparecer, tão pequena, mas tão brilhante, parecia iluminar tudo, até o sol começar a vencer a obscuridade. Aquela

---

<sup>1</sup> Publicado em L. Giussani, *Realidade e juventude: O desafio*, Lisboa: DIEL, 2003, pp. 59-71.

estrela atraía toda a atenção dos meus olhos e do meu coração. Perdido na sua contemplação, ouvi a minha mãe dizer: «Como é belo o mundo e como é grande Deus!». Foi um desses momentos que encerram a chave de toda a vida: «Como é belo o mundo e como é grande Deus!». «Como é belo o mundo!» significa que «não é inútil viver, não é inútil agir, trabalhar, sofrer; não é negativo morrer, porque há um destino». «Que grande é Deus!». O grande é aquilo para que tudo flui: o Destino.

É isto o coração: a relação que existe entre a realidade como beleza e Deus como Destino. Estes dois pontos são como dois focos, dois pólos entre os quais salta a centelha: esta centelha é o coração.

Queria comunicar-vos o que senti milhares de vezes ao ter que falar para jovens como vocês. Oxalá também vocês repitam a outros, incansavelmente, esta intuição, esta visão, esta esperança, esta espera profunda que é a vida! Imaginem agora um episódio: aproveitaram a ausência do vosso pai para convidar a namorada a ir a vossa casa. Depois acompanharam-na à estação; há muitos comboios, uns a chegar e outros a partir, uma multidão de pessoas saindo deles e todas as carruagens repletas. A dado momento, veem a vossa namorada assomando à janela e despedem-se dela, pois o comboio já começou a andar. Entretanto, toda aquela gente passa por vocês. Quando o comboio deixa de se ver regressam a casa, melancólicos, e encontram aí o vosso pai: «Quando chegaste? Onde vieste?». «Voltei de Roma no comboio de tal hora». Sentem um calafrio, pois era o comboio que tinha chegado ao mesmo cais de onde partiu a vossa namorada. No meio de toda aquela gente a atenção estava centrada na vossa namorada e não deram pela chegada do vosso pai; e ele, mergulhado nos seus pensamentos, tão pouco vos viu. Agora, em vez disso, imaginem que vão à estação receber o vosso pai que vem de Roma; o comboio para, toda a gente sai e vocês estão ali, esticando o pescoço. Se estamos à espera de uma determinada pessoa, avistamo-la logo de muito longe, inclusive no meio do bulício da multidão; se estamos à espera de alguém, mesmo no meio da confusão dos rostos conseguimos identificar esse alguém.

A mesma coisa se passa no mundo, assim é na vida: se estamos à espera do destino, se estamos à espera daquilo para que estamos feitos, se estamos na expectativa daquilo que o coração espera, então, no meio do torvelinho das coisas, o olhar torna-se cada vez mais agudo. Se não nos deixamos perturbar e distrair pelos detalhes que o tempo converte em cinzas, inclusivamente no meio da confusão geral, identificaremos o rosto para o qual foi feita a nossa vida, o rosto para o qual foi feito o nosso coração, o rosto que buscamos, o rosto da beleza, o rosto do Destino, o rosto do Ser.

*Quando olho para os meus companheiros vejo que enfrentam a vida como se fosse uma ideia, um pensamento, um sonho. Compreendo-os bem, pois até há pouco tempo eu pensava do mesmo modo. A experiência que faço é uma realidade, não um sonho. É fácil cair nos sonhos e imaginarmos uma vida diferente do que ela na realidade é. Gostaria de saber a diferença que existe entre espera, esperança e sonho.*

O sonho não tem qualquer fundamento. É pura imaginação. Projecta num futuro, que inclusivamente pode não chegar, algo de inconsistente que traduz um determinado estado de espírito, uma determinada reacção.

A espera, ao contrário, não é assim. A espera nasce de dados, de factos concretos. Far-te-ás um homem e na medida em que te for dado tempo, terás que fazer alguma coisa, terás que aproveitar as ocasiões que se te apresentem para criar, para construir: esta é a espera vivida.

Gostaria, porém, de melhor clarificar e contrapor outros dois termos: *sonho e ideal*. O coração está feito para o ideal. O sonho esvazia a cabeça, depois de a ter enchido de

nuvens. O ideal é ditado pela natureza e surge com o decorrer do tempo, se se seguirem as indicações que a natureza traz consigo. O ideal é antes de mais uma indicação da natureza: por exemplo, a exigência de amor ou a exigência de justiça. Tu não erravas ao fazer o que fazias por paixão pela justiça; erravas ao identificar como resposta à exigência de justiça aquilo que imaginavas tu. Ao contrário, a justiça pressupõe relações que a natureza estabelece. Não nos fizemos a nós mesmos, não nos fazemos nós próprios; as exigências que emergem do âmago da nossa personalidade, não fomos nós próprios que as construímos. Tu poderás construir uma determinada imagem da justiça. Mas esta imagem – que é aquilo a que chamaste sonho – se não tem em conta as indicações da natureza, não se realizará e ficarás desiludido, isto é, sentir-te-ás enganado. Desilusão deriva da palavra latina que significa «ser enganado»; somos nós que podemos enganar-nos ao brincar com nós mesmos. Ilusão é outra forma da mesma palavra: somos nós que nos podemos iludir e desiludir, «jogando» com aquilo que nos apetece, em vez de obedecer.

É como se uma pessoa fosse num barco de pesca e colocasse as velas em sentido contrário ao das leis que o vento e a navegação impõem. Se se seguem essas leis – que mais não são que os ditames da natureza – o barco avança. Se, pelo contrário, se alteram as velas por simples capricho – porque apetece – o barco gira sobre si mesmo e pode até virar-se e afundar. Seguir os nossos sonhos significa que, com o tempo, converteremos em cinzas tudo aquilo que trazemos entre as mãos. Parece belo enquanto o seguramos, mas logo se transforma em cinzas.

*«Il bene perduto: / un breve razzo in lacrime caduto. / Ciò che avevo afferrato bramosa, / nella mano stretta si sfece / come a sera la rosa / sotto la volta dell'eternità. / Tutto impallidi, si tacque, / perse colore e sapore / (e più quel che più mi piacque)».* «O bem perdido: / um breve raio em lágrimas caído. / O que havia agarrado com mais ânsia / em minha mão apertada se desfaz / como ao entardecer a rosa / sob a abóbada da eternidade. / Tudo empalideceu e se calou, / perdeu a cor e o sabor / (e mais aquilo que mais me comprazia)», diz um belo poema de O. Mazzonei.

O ideal, pelo contrário, aponta uma direcção que não somos nós que estabelecemos; estabelece-a a natureza. Se seguirmos esse rumo, mesmo com esforço ou indo contracorrente – como nos foi recordado no último manifesto da Páscoa o ideal, com o passar do tempo, torna-se realidade. Realiza-se de uma maneira diferente daquela que imaginamos, sempre diferente e cada vez mais verdadeiro. Quando uma pessoa, chegando aos cinquenta anos, olha para trás e diz para consigo: «Que sorte ter tido aquele encontro! Agora compreendo as coisas com uma autenticidade que as outras pessoas não conseguem alcançar».

Portanto, temos que fazer por conhecer o ideal cada vez mais profundamente e não nos abandonarmos aos sonhos. O sonho procede de nós mesmos e é efémero: o tempo converte-o em cinzas. O ideal nasce da natureza de que somos feitos; nasce daquele que nos fez, e é um rumo que, se o seguirmos, à medida que o tempo passa, vai-se tornando cada vez mais evidente e mais certo aquilo a que aspiramos.

*Que quer dizer a felicidade para mim? É a razão pela qual eu regressei à experiência cristã, mas também a razão por que um amigo meu a abandonou, dizendo: «Não vou porque aí não sou feliz».*

A felicidade é a realização total e completa daquilo a que aspiramos, daquilo que desejamos; é o cumprimento do desejo que define a dinâmica do nosso coração; é a satisfação da exigência de verdade, de justiça, de beleza, de amor. Essa realização constitui algo que está no horizonte e em direcção ao qual caminhas. É como um caminho.

A meta de um caminho alcança-se quando o caminho acaba; aquilo para que o caminho está feito começa precisamente onde ele termina. É este o significado da morte como acto supremo da vida. Uma teoria ou um sentimento humano que não tenha isto presente engana e atraiçoa o homem.

A felicidade está no horizonte. A vida é um caminhar rumo a esse horizonte. Quanto mais conscientemente caminhas em direcção ao horizonte mais contente te sentes, pois tudo se purifica, as coisas aparecem evidentes, sentes-te bem, contente: «Quanto mais, melhor». É um caminho. A felicidade plena não é uma realidade que se manifeste no presente. É a grande promessa do futuro, é o Destino.

Todavia, chama-se felicidade à experiência da realidade enquanto está em consonância e feita para o destino, enquanto feita para ele, enquanto nos faz tender para ele. Pretender alcançar a felicidade já nesta vida é um sonho. Viver a vida caminhando para a felicidade é um ideal.

Por isso, tu, ao regressares ao caminho, colocaste-te em condições de desfrutar as coisas, de as compreender e de as usar com uma pureza e com um gosto que o teu companheiro nem de longe consegue imaginar. Com efeito, ao teu amigo não lhe resta alternativa senão a de designar por felicidade uma instintividade que logo se consome. Na realidade, ele tem que a multiplicar sem cessar, porque ela vai ardendo continuamente. Tu, ao contrário, por teu lado, não tens a impressão de que as coisas se queimem. Hora após hora, dia após dia – um chuvoso e outro de um sol radioso – percebes que constróis, que constróis caminho rumo ao teu destino. Tu constróis e o outro queima. Quando chega a noite, se o teu amigo recorda o que foi o seu dia, resta-lhe entre as mãos um punhado de cinzas. Pelo contrário, tu, no fim de cada dia, ao olhar para trás, dizes para contigo: «Errei nisto ou naquilo, mas estou a caminhar. Ainda que hoje tenha feito tudo mal, mantém-se em mim a vontade de caminhar. Ajuda-me, Senhor, para que amanhã eu seja melhor do que hoje». Tu constróis um caminho, o teu amigo não; ele destrói. E destruirá todas as coisas em que toque, sobretudo as pessoas. Não amará ninguém, tentará aproveitar-se de tudo e nada mais.

*Baptizei-me no mês passado, depois de ter descoberto o movimento e ter compreendido que na nossa companhia cada pessoa pode ser ela própria e sentir que lhe dão valor. Começam agora as aulas. Como posso comunicar a minha experiência aos outros? Como criar na escola um movimento?*

Podes levar para a escola esta maneira de pensar e sentir a que chamamos movimento – um movimento humano é sempre um modo de pensar, de sentir, de empregar o tempo, o espaço e as relações – se o lebares dentro de ti, se o seguires tu, se o amares tu, se o procuras tu. Quando entrei no liceu Berchet de Milão estava sozinho. Quantos de vocês entraram na escola com estes sentimentos e estavam sozinhos! Talvez te possa ocorrer que estás sozinha. Antes de tudo, tens que estar tu cheia de certeza, de liberdade, de vontade de caminhar, ultrapassando todos os obstáculos e os teus próprios erros, pois o principal obstáculo são os nossos erros. O que conta na vida não é não errar mas o que conta acima de tudo é não mentir. O grave não são os erros; o que é grave é a mentira, e a mentira é não reconhecer a verdade. A verdade é o destino para que fomos feitos. Este destino pôs a sua marca no nosso coração; revelou-nos de antemão o que é: amor, justiça, verdade, felicidade.

Ainda que estejas só, debes amar este projecto e depois, quando chegar a ocasião, dá-lo logo a conhecer aos teus amigos. Não te ponhas a fazer-lhes sermões. Mas diz-lhes: «eu gosto disto, eu penso aquilo, parece-te que tenho razão?». Continuamente provocados pelas tuas intervenções, talvez algum dos teus companheiros adira à tua proposta. No

começo, durante dois anos, reuníamo-nos em Milão apenas durante uma quinzena. O movimento floresceu anos depois. Não nos interessa o resultado, o êxito, mas a verdade da nossa vida, porque o gosto de viver radica na verdade do coração.

E se não se afirma a verdade do nosso coração, seremos presa dos abutres que dominam o mundo. Cada homem é um abutre em relação ao outro, é um predador do outro; não só os poderosos, pois também o teu companheiro de classe pode ser um predador da tua alma, um que se aproveita de ti, pode tentar instrumentalizar-te. Isto, não podemos impedi-lo; só podemos, sim, fazer uma única coisa: sermos nós mesmos, coincidir com o nosso coração.

*Em Abril fiquei doente do sistema linfático. Depois de uma intervenção cirúrgica, cheguei ao ponto de ter que ir ao hospital de quinze em quinze dias para me submeter a uma terapia bastante dura. Deixo-me levar frequentemente pela instintividade e pelo sofrimento, o que me leva a recriar tudo o que me rodeia. Como se pode «fazer o cristianismo» e não se deixar levar por uma atitude de recriação em relação a tudo?*

Não se pode. É como se me perguntasses: «Como pode uma pessoa fazer-se homem e não ser presa de erros e temores?» É preciso reconhecer e amar algo maior do que tudo o que nos provoca temor e induz ao erro.

Conheceste Andrea Mandelli, esse nosso amigo que morreu vítima de cancro? Em *Litterae Communionis*, de Janeiro de 1991, encontrarás alguns escritos seus. Por exemplo: «Meus amigos, de que serve a vida se não para ser dada? Agora a minha disponibilidade é completa. Já não tenho que decidir. Pedir ao Senhor a força necessária para suportar ainda a fadiga, isso, sim, é o que eu peço, devo pedi-lo a cada instante. Mas agora já está tudo nas Suas mãos». O que desejo para ti é que estes pensamentos se te tornem habituais.

Não podemos dar à vida a forma que desejaríamos; podemos abraçar a vida, tenha ela a forma que tiver, precisamente porque é Outro quem lhe dá essa forma. E nós amamos esse Outro, e esse Outro é o nosso Destino.

*Há uns três anos que pertenço ao movimento. Entrei para ele porque estava apaixonado por uma rapariga e por ela fui às primeiras férias da Gioventù Studentesca, onde viajei com todos os meus amigos. Desde então, toda a minha vida tem sido um encontro. Sempre senti dentro de mim um grande anseio de felicidade e de plenitude, e o Senhor correspondeu a estes meus anseios com pessoas, com uma história, uma amizade. Conheci sobretudo pessoas que decidiram entregar-se totalmente a Cristo. A sua decisão, inesperadamente, interpelou-me. Que quer dizer viver a vocação?*

Viver a vocação significa tender para o destino para o qual está feita a vida. Esse destino é Mistério. Não pode descrever-se nem imaginar-se. Estabelece-o o mesmo Mistério que nos dá a vida. Viver a vida como vocação significa tender para o Mistério através das circunstâncias por que o Senhor nos faz passar, respondendo a elas. Tu encontraste essa companheira; segue aquilo a que esse bom relacionamento te convida: cada vez entenderás melhor. Isso te fará sofrer, pois quererás, talvez, algo que não te será dado, que nesse momento não poderás agarrar. Mas, se obedeceres ao convite que essa boa relação te oferece, encontrar-te-ás mais a ti mesmo, serás mais homem do que antes. Antes, amavas menos, agora, precisamente através do sacrifício, amas mais. A vocação consiste em caminhar para o destino, abraçando todas as circunstâncias através das quais o destino te faz passar.

Há, porém, uma coisa fundamental: o destino do qual eu nasço e para o qual tendo, o meu princípio e o meu fim, tornou-se em *Um de nós*. Sentava-se nas carteiras das

escolas, reunia-se com a gente do seu povo e da cidade de Jerusalém. Este destino tem um nome na história: Jesus Cristo. Por isso, a vocação consiste em abraçar todas as circunstâncias para obedecer, aderir a Cristo e realizar o que Ele quer de ti.

Cristo é Aquele sem o qual o homem e a realidade inteira desaparecem, ficando apenas o breve impacto do instante – prazer ou dor – que no tempo se converte em cinzas.

Só com Cristo seguindo cada circunstância, momento a momento – quer se trate de momentos de erro e de debilidade ou de força e de entrega – construímos e, passados cinquenta anos encontramos-nos com aquilo com que sonhámos cinquenta anos atrás. Mas não só, aquilo, que há cinquenta anos era um ideal que despontava, toma corpo agora no presente. E não é, porque nos tornamos perfeitos, mas porque a verdade das coisas se apresenta mais clara e a liberdade mais livre.

O vosso problema, meus amigos, é o problema da certeza e da liberdade. O problema humano é compreender o que quer dizer certeza e o que quer dizer liberdade. Para isso pode ajudar-nos uma frase de Dostoievski cuja fé se fundamentava – como ele próprio afirmou – na divindade do «carpinteiro de Nazaré, crucificado sob Pôncio Pilatos». Escreveu Dostoievski: «Criei para mim um símbolo da fé em que tudo está claro e que para mim é sagrado. Este símbolo da fé é muito simples: acreditar que não há nada mais belo, mais profundo, mais encantador, mais razoável, mais corajoso e mais perfeito do que Cristo». E o grande romancista russo afirma também o seguinte: «Não basta definir a moralidade como fidelidade às suas próprias convicções. Temos, além disso, que continuamente suscitar em nós próprios a pergunta: as minhas convicções são verdadeiras? O verdadeiro banco de prova é só um: Cristo... Na vida só existe uma justiça, uma única verdade: Cristo. Portanto, só existe uma tragédia, uma tragédia que é somente cristã: o desejo de Cristo, a incapacidade de estar com Ele e a luta do inquieto arbítrio contra Ele».

O destino, ou seja, o ideal, é o que há de mais presente. Pois, com efeito, o que é neste momento tem consistência por causa do ideal, tem consistência por causa do destino; de outro modo desvanecer-se-ia e o tempo transformá-lo-ia em cinzas. É por isso que o que cresce em ti cresce por causa do destino, embora não te apercebas disso. E a tragédia da nossa vida é esquecer o destino, a relação com Cristo.

Existe algo que nos ajude a recordar-te a Ti, ó Cristo, Tu que és o nosso destino, e que nos sirva para enfrentar a tragédia da nossa rebeldia? A nossa companhia; é ela que impede o esquecimento e nos recupera depois de cada rebelião. A tragédia da nossa vida não consiste no facto de se poder cometer erros; o que é prejudicial não são os erros, mas a mentira. Mentira é não reconhecer o destino tal como é, na existência histórica que assumiu ao fazer-se homem. A nossa companhia nasceu daquele Homem e está unida por causa daquele Homem.

Num jornal de grande difusão, de que li com horror algumas páginas, fala-se de «buscar uma verdade o mais próximo possível do que é verdadeiro». Mas como? A verdade é ou não é. Uma «verdade mais próxima do que é verdadeiro» é uma mentira. «Eu sou o caminho, a verdade e vida»: Cristo disse-o, sabendo que por estas palavras o iriam matar.

Através da relação com a tua noiva debes aprofundar essas coisas. A nossa amiga que falou antes, está, paradoxalmente, nas melhores condições para poder compreender como aquilo que pode sustentar e dar sentido à vida e à morte é essa verdade do destino que é Cristo, «que me amou e se entregou por mim», nas palavras de São Paulo (Gal 2, 20).

*Todo o homem deseja a felicidade. O único caminho para a alcançar é Deus. Como posso dizê-lo se para mim tudo está ainda confuso? Mas confio em algumas pessoas, porque vejo que são felizes. Como continuar? Permanecendo nesta companhia?*

Esta companhia é o instrumento que te faz sentir tu mesma. A tua felicidade radica em que a vida tem um destino último e é um caminho. A companhia é o conjunto de pessoas com as quais tu caminhas em direcção ao teu destino, em direcção à meta. Se abandonas esta companhia esquecerás o teu destino, porque nesse caso se te obscurecerá a imagem e o desejo dele. Sem companhia, ninguém conheceria a Cristo. Ele, para se dar a conhecer a ti e a mim, criou uma companhia; primeiro doze pessoas, depois setenta, depois centenas, milhares e centenas de milhar. E assim chegou até nós; como continua a chegar até nós agora. Aqui, entre nós, a presença mais imponente e grandiosa, que ninguém consegue arrancar ou diminuir – pois todos poderíamos morrer, mas esta presença continua a impor-se inexoravelmente – essa presença é Cristo.

É uma companhia que data de há dois mil anos, uma companhia que durará até que o mundo inteiro chegue ao seu destino, uma companhia que abarca todo o caminho da história. As forças dos inimigos jamais prevalecerão contra esta companhia. Somente nós próprios podemos ir contra esta companhia, distanciando-nos dela. Mas nem o mundo inteiro conseguirá afastar-nos dela. O Padre Kolbe, no bunker em que morreu sozinho, nesta convicção que participou aos que se encontravam com ele, estava profundamente enxertado na grande companhia que mais tarde o exaltaria, declarando-o santo.

A companhia não é um instrumento para nos substituírmos, mas para nos sustentar. A maior graça que vocês receberam na vida é esta companhia, na qual descobriram palavras que não são apenas palavras, mas que definem toda a substância do viver. Quando a minha mãe me disse que «Deus é grande», deu-me a definição da substância do viver. E isto já ninguém mo pode tirar. Eliminar o destino, eliminar Cristo, eliminar o que diz a nossa companhia, é retirar o carácter de razoabilidade da vida.

Quero ler-vos um texto escrito pelo maior teólogo russo contemporâneo Alexandr Men, que há poucos meses foi assassinado à machadada por ódio político. Trata-se da última página que escreveu, que foi encontrada sobre a sua mesa junto ao seu prefácio para a tradução em russo de *O sentido religioso*. Diz o Padre Alexandr Men: «O ponto forte do cristianismo consiste precisa mente em não negar nada, mas na afirmação, na amplitude, na plenitude de horizonte que tudo afirma». Uma coisa, para ser verdadeira, deve poder não excluir nada. Quando se considera como ideal o indivíduo singular que selecciona as coisas e as relações que quer, e que elimina o valor da companhia como dimensão da pessoa, está-se a afirmar algo que não corresponde à verdade. De facto, a companhia é uma dimensão da pessoa humana. Não pode haver um «eu» sem um «nós». Sem um «tu», o eu encontra-se perdido e define-se.

O sinal da verdade é que com ela se afirma tudo, que não se é obrigado a negar nada. A única postura vital que afirma tudo, até ao mais ínfimo detalhe, inclusive a sensação que tens quando estás deitado e não fazes ideia de como o dia seguinte se irá passar, é a de Cristo. Ele dizia: «Até os cabelos da vossa cabeça estão contados» (Mt 10, 30). E, noutro lugar, dizia que até as palavras ditas de brincadeira têm um valor eterno (cfr. Mt 12, 36). Somente Cristo pode falar deste modo. E nós estamos reunidos porque reconhecemos que a vida tem um destino, que este destino se fez homem e se chama Cristo.

Com Cristo já não perdemos nada. Nem sequer os erros se perdem, pois convertem-se num bem, transformam-se em dor, traduzem-se em amor. Por isso, a palavra que abarca tudo o que Deus é para o homem, a palavra mais grandiosa que se possa uti lizar na comunidade, o sinal mais incisivo de que a companhia é verdadeira, é a palavra perdão

ou misericórdia. Inclusivamente o mal transforma-se em bem, até a morte se torna vida, convertendo-se no passar à vida que não tem fim.

Eu costumava dizer aos primeiros alunos que tive: «Meus amigos, digo-vos que a verdade existe e que esta verdade é o destino para o qual nos encaminhamos: ou eu sou um impostor ou então deveis seguir-me».

E ninguém me respondia; mas depois muitos seguiram-me. «Que interesse tenho eu – acrescentava – em dizer-vos isto? Um só: a paixão pela vossa felicidade, como tenho paixão pela minha. Não vos conheço mas amo-vos como a mim mesmo». Esta é a nova humanidade que deve expandir-se pelo mundo inteiro através de cada um de nós. Actualmente, muitos dos que participaram em encontros como este estão na América, Rússia, África, Escandinávia; temos que levar a toda a parte esta nova humanidade que permite ao homem amar o homem. Não é verdade que se ame se não se ama o destino do outro. Mentas quando dizes à tua noiva «Amo-te» se não desejas que o seu destino se cumpra. Se, pelo contrário, afirmas o destino da tua noiva, assumirás imediatamente perante ela uma atitude de discrição, de devoção, de admiração, de – deixa-me que te diga a palavra – pureza. Apliquem isto também ao estudo, à relação que tendes com os vossos pais e com todos os vossos companheiros: trata-se de uma humanidade nova, mais pura, de uma humanidade mais humana.

No entanto, vamos a caminho, vamos na barca, e remamos com a Presença grande e poderosa atrás de nós, que nos vai sus tentando e não deixa que nos detenhamos.

Recomendo-vos apenas uma coisa: não abandoneis jamais a companhia, ainda que vos pese muito, ainda que vos canse. Não abandoneis nunca esta companhia e segui quem a guia.